

TRADUÇÃO CULTURAL: O QUE ACONTECE EM UM CASTELO NO PAMPA DE L. A. DE ASSIS BRASIL

- Sara Viola Rodrigues -



RESUMO: *This paper presents a scenario of comparativism and Translation Studies themes in some significant events in the last decade in Brazil. The work is developed according to two main aspects. The first is the analysis of theoretical issues on Comparative Literature and Translation Studies. The second one is the attempt at showing the translator's (in)visibility in culturally marked literary translations and the consequences of the discursive strategies chosen by the translator in the light of the mediation role of translation for the literary and cultural systems.*

PALAVRAS-CHAVE: *literatura comparada, estudos da tradução, análise de tradução literária.*

No panorama dos eventos da área dos Estudos Literários e Comparados no Brasil, realizados nos últimos anos, a questão da identidade nacional surge como um dos tópicos centrais, senão como o tema aglutinador.

Trazendo à memória dados gerais dos programas tratados nos referidos eventos, começamos com a IX Jornada de Estudos Americanos, da Associação Brasileira de Estudos Americanos – ABEA, realizada na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, entre 19 e 21 de junho de 1996, sob o sugestivo título de Nações/Narrações: nossas histórias e estórias. Na ocasião, sob a inspiração do trabalho teórico de Homi Bhabha, como esclarece Rita Schmidt no prefácio do livro que leva o mesmo título do evento, os textos apresentados contemplavam “alguns dos aspectos nucleares do debate teórico-cultural contemporâneo no que diz respeito a mudanças de paradigmas nas conceptualizações do nacional, de identidade nacional e de diferença cultural”. Essas mudanças, continua Rita,

têm se processado no contexto do desmantelamento da concepção totalizadora de cultura nacional, una e falaciosamente integrativa, atrelada à fixidez espacial da concepção de nação-estado, e da emergência de culturas locais e regionais que promovem a rearticulação de identidades plurais – de raízes étnicas, culturais, raciais e de gênero – que, por força do poder dirigido para o interior da própria cultura, foram historicamente empurradas para a margem (SCHMIDT, 1997: 7).

Os textos apresentados discorreram sobre a

questão de fundo que é a reconfiguração de praticamente todo o tipo de fronteira: cultural, política, literária, estética e teórica, no cenário dos fenômenos da globalização e multiculturalismo. Apareceram, então, três eixos de problematização da questão: o primeiro formula inter-relações entre narrativa, poder cultural e conceito de nação em contextos diferenciados histórica e geograficamente. O segundo eixo trata da construção de identidades como formas de afiliações e/ou resistência às construções oficiais da cultura, salientando o papel da estória, como elemento de resistência, possibilitando a reinvenção do sistema de significações e valores da cultura. O terceiro eixo apresenta a questão da imbricação entre o ficcional e o histórico na textualização do imaginário cultural que, ao lidar com elementos sociopolíticos, dá origem a processos identitários.

Quase imediatamente após essa IX Jornada de Estudos Americanos na UFRGS, houve o 5º Congresso da ABRALIC – Cânones e Contextos – de 30 de julho a 02 de agosto de 1996. A questão do cânone, considerada por Eduardo Coutinho (1997:16), central dentro do quadro da Literatura Comparada, se constitui num instrumento de luta contra o etnocentrismo e trata de assuntos vitais como o da *exclusão de produções literárias vigorosas*: por exemplo, a dos chamados *grupos minoritários* e exclusão de culturas *periféricas*. Essa questão volta-se ainda para, na expressão de Eduardo, *o delineamento de fronteiras entre constructos como Literaturas Nacionais e Literatura Comparada* (COUTINHO, 1997:16), o

Sara Viola Rodrigues é professora do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

que remete ao problema da reconfiguração do conceito de fronteiras anteriormente aludido.

A relação íntima entre o tema do cânone e as questões de nação, identidade nacional, nacionalismos e fronteiras materializa-se na programação do evento, cujos debates giraram em torno de cinco subtemas: Cenários da Cidade, Nacionalismos, Etnias e Sexualidades, Pós-Colonialismo e Identidades Culturais, Globalização, Tradução e Trocas Culturais, Práticas e Instâncias Canônicas: Teoria, Crítica e Historiografia Literárias. Neste Congresso também Homi Bhabha aparece como mola real, impulsionando os debates subsequentes à sua apresentação na Sessão de Abertura do evento.

No VII Congresso da ABRALIC, uma vez mais fomos convidados a retomar essas questões todas, *abrindo espaço para que se tornem audíveis e tenham visibilidade as forças que as nacionalidades instituídas relegam a uma zona de silêncio e sombras* (folder do VII Congresso).

Nesse sentido, voltei a focalizar o tema da Tradução e Trocas Culturais. Não vou deter-me aqui sobre os vários papéis (todos de fundamental importância) que a tradução exerce no intercâmbio cultural e, especificamente, na área da Literatura Comparada. Basta lembrar, por exemplo, o convincente artigo de Heloísa Gonçalves Barbosa, intitulado: *Boom or Transformation by Translation? Latin American Literature in English* (1998: 173), no qual a autora sustenta que o chamado *boom* [explosão] da literatura latino-americana é um fenômeno de tradução e recepção da referida literatura no mundo de fala inglesa, e não deve ser explicado como resultado de uma transformação do gênero romance na América Latina, nem como consequência de um aumento da produção literária de seus escritores.

Poderia ainda comentar o interessante artigo de Edwin Gentzler: *Translation and Canon in the Menudo Chowder* (1999: 52). Nele, o conhecido teórico norte-americano afirma que até mesmo em países *monolíngües* como os Estados Unidos, a tradução influencia direta ou indiretamente a formação do cânone. Segundo Gentzler, quanto mais examinamos fatores históricos e culturais ao analisarmos traduções, mais evidente se torna tal influência. Realmente, ressalta ele, *pode-se dizer que a tradução é um dos fatores primordiais na formação do cânone*.

Liberta dos estigmas que lhe destinavam um

papel secundário na produção literária (CARVALHAL, 1996: 16), nas palavras de Carvalho, mas nem tanto, como se pode ver pelo artigo de Bellei que leva o título de *Não bula comigo, Nhô-Nhô! – Tradução, Trauma e (pseudo) Terapia* (BELLEI, 1999: 174-5), ou em Lawrence Venuti, de quem trataremos mais adiante, a tradução é hoje considerada o grande agente revelador da diferença. Nesse sentido, Otávio Paz em *Traducción: Literatura y Literalidad* (PAZ, 1971: 7-8) discorre sobre o sentido da tradução antes e depois da idade moderna. Antes, ela servia como tentativa de solução para a diferença entre as linguagens: *[a universalidade do espírito era a resposta para a confusão babélica: há muitas línguas, mas o sentido é único]*. Depois da idade moderna, destruída esta certeza, a tradução passa a ser o veículo das singularidades do homem. Daí sua relevância para os Estudos Comparados.

Como elemento revelador da diferença, depreende-se também a importância da tradução para a rearticulação das identidades plurais que foram empurradas para a margem, ou que não conseguem se fazer ver e ouvir. Chega-se então ao ponto de importância fundamental que é a práxis tradutória, pois dela derivam conseqüências sociais e culturais. (Utilizo a palavra *práxis* propositalmente, para enfatizar o elemento teórico embasando a prática da tradução, e não simplesmente como atividade *prática* contraposta à *teoria*).

A revelação das diferenças sociais e históricas – via tradução – um dos temas proeminentes no pós-estruturalismo, está tipicamente tratada por Lawrence Venuti em suas obras (1992, 1995, 1998, 2000), ajudando a compor o cenário da pesquisa, na década de noventa, que examina em maior detalhe o binômio tradução e cultura.

A natureza deste trabalho não permite penetrar nessa discussão com maior profundidade. O que interessa aqui é lembrar que, em síntese, Venuti preconiza a *visibilidade* do tradutor, porque é a presença textual do tradutor no texto alvo que garante a revelação dessas diferenças culturais. Venuti chega a afirmar que “a tradução deve ser estudada e praticada como *locus* da diferença”:

Meu objetivo não é uma super valorização do estrangeiro, mas a resistência contra o etnocentrismo e o racismo, o narcisismo cultural e o imperialismo, no interesse das relações geopolíticas. Por consequência, meu projeto é a elaboração de instrumentos

teóricos
tradução
um loc
caracter
amplam
211 – mi

Dada a riqu
a partir do texto de A
uma acepção basta
para uso neste tra
compreende aqui a
normas e bens m
compreende o co
costumes, conl
desenvolvimento ar
uma determinada é

Pensando te
possível, as ambiç
termo normalmente
Lawrence Venuti. E
visibilidade do tra
cultura anglo-ameri
de um tradutor mec
seu texto na língua
grau de invisibilidad
O bom texto traduzic
tradução, ou, em ou
original. Atualmente
produção de tradu
trabalhos de revisã
Segundo o autor, qu
sucesso desse esforç
as seguintes caracte

estrutura e
controle d
corrente, c
conversaçã
que não seji
o jargão, as
fala, regular
– qualquer e
para a mate
palavras en
sua resistêr
interpretaçã
nossa).

Venuti lembra
tradução fluente, proc
criando, para o leitor
autor que está sendo
transparência escor
subjazem à produção e
A anulação do tradutor
e contribui para a ex
trabalho. Ao mesmo ter

teóricos, críticos e textuais, através do que a tradução possa ser estudada e praticada como um *locus* da diferença, e não em sua característica de homogeneidade que marca amplamente a tradução hoje em dia (1996: 211 – minha tradução).

Dada a riqueza semântica do termo *cultura*, a partir do texto de Arjonilla (2002: 177-213), elaborei uma acepção bastante genérica do referido termo para uso neste trabalho: o conceito de cultura compreende aqui *a criação e realização de valores, normas e bens materiais para o ser humano; compreende o conjunto de modos de vida e costumes, conhecimentos e grau de desenvolvimento artístico, científico, industrial em uma determinada época e grupo social.*

Pensando ter evitado, por ora e dentro do possível, as ambigüidades que a utilização desse termo normalmente provoca, voltemos às idéias de Lawrence Venuti. Em sua argumentação em prol da visibilidade do tradutor, Venuti informa que na cultura anglo-americana contemporânea o sucesso de um tradutor mede-se pelo grau de *fluência* de seu texto na língua de chegada e pelo conseqüente grau de invisibilidade do tradutor para seus leitores. O bom texto traduzido é aquele que não parece uma tradução, ou, em outras palavras, que parece ser o original. Atualmente, há um grande esforço para a produção de traduções fluentes, através dos trabalhos de revisão e refinamento estilístico. Segundo o autor, quaisquer que sejam os níveis de sucesso desse esforço, os textos fluentes possuem as seguintes características:

estrutura e sintaxe linear, sentido unívoco ou controle da ambigüidade, uso da língua corrente, consistência lingüística, ritmo de conversação; tais textos evitam a linguagem que não seja padrão, a polissemia, o arcaísmo, o jargão, as mudanças bruscas no tom ou na fala, regularidade rítmica, ou repetição de sons – qualquer efeito textual que chame a atenção para a materialidade da linguagem, para as palavras enquanto palavras, sua opacidade, sua resistência à tentativa de dominar sua interpretação (VENUTTI, 1992:4- tradução nossa).

Venuti lembra que, quando bem sucedida, a tradução fluente, produz o efeito da transparência, criando, para o leitor, a ilusão de que é o próprio autor que está sendo lido. Conseqüentemente, tal transparência esconde os vários fatores que subjazem à produção e consumo do texto traduzido. A anulação do tradutor marginaliza-o culturalmente e contribui para a exploração econômica de seu trabalho. Ao mesmo tempo em que a tradução fluente

aniquila o tradutor, ela apaga as diferenças lingüísticas e culturais do texto-fonte que, sofrendo um processo de aculturação, é domesticado e passa a ser familiar para o leitor da cultura alvo, o qual, numa experiência narcísica, vê a cultura do outro como se fora a própria.

Para contrapor a isso, Venuti propõe que se repense a tradução em termos pós-estruturalistas. Fundamentando seu raciocínio em Walter Benjamin, e nos pós-estruturalistas Jacques Derrida e Paul de Man, Venuti invoca o conceito de textualidade, para provar que o original é, ele mesmo, uma tradução, pois o significado textual é um efeito de relações e diferenças presentes numa cadeia potencialmente infinita de significantes que jamais conseguem presentificar, no texto, a totalidade e a univocidade de sentido. Assim, a pluralidade de sentidos do texto permite que se pense a tradução como uma *reconstituição do texto estrangeiro, mediada pelas diferenças ideológicas, discursivas e lingüísticas irredutíveis da língua/cultura alvo.*

Procuremos ver, em rápida análise, como se dá tal *mediação* em dois trabalhos de tradução de *Um Castelo no Pampa* – o primeiro volume da trilogia *Perversas Famílias*, romance do escritor gaúcho, várias vezes premiado, Luiz Antonio de Assis Brasil. Tal análise, longe de ser exaustiva, apresentará comentário de alguns segmentos do romance apenas, sendo, no entanto, a meu ver, evidência suficiente para ilustrar a metodologia de tradução empregada e sua relação com os temas referidos neste trabalho.

Começemos por examinar a tradução para o inglês do primeiro capítulo de *Um Castelo no Pampa*, publicado em 1996 nos Estados Unidos, na *Latin American Literature and Arts Review* [Revista de Artes e Literatura Latino-Americana], editada pelo crítico literário brasileiro Wilson Martins. O texto traduzido só apresenta o nome do autor do romance, Luiz Antonio de Assis Brasil. Não foi possível encontrar alusão ao nome do tradutor, o que leva a crer que o próprio Wilson Martins responsabilizou-se pela tradução e não achou importante notificar o leitor desse fato.

Este primeiro capítulo não é um texto culturalmente muito marcado, mas o tradutor anônimo deixa claro para a cultura alvo que se trata de um texto sobre o pampa e sobre o gaúcho do Rio Grande do Sul (e não do Uruguai ou Argentina), como se vê no acréscimo (pertinente) do nome do nosso Estado:... *um castelo republicano, erguido*

em meio ao pampa gaúcho... (p.9) foi traduzido como: ... *a castle built under the Republic, erected in the very heart of the pampa of Rio Grande do Sul.*

Igualmente o tradutor mantém, traduzindo, pratos de nossa culinária, como guisado com abóbora: *stews with pumpkin*, registra o nome da capital: *Porto Alegre* e traduz as expressões idiomáticas locais da época, como a expressão de caráter derogatório, *pau-de-virar-tripa*, bastante conhecida ainda, principalmente pelo gaúcho do campo, quando se designa um indivíduo extremamente magro e alto. Neste caso preciso, o tradutor interpretou erroneamente o significado da expressão *pau-de-virar-tripa*, como se pode ver pela transcrição:

O Doutor, os olhos escondidos em óculos negríssimos, dava início à conversa, ao início amena, mas logo depois agravando-se à medida que se avizinham da política: o Ratão Positivista então queria perpetuar-se no Poder estadual? Arquelau zumbia um estertor colérico, não se contentando em chamar ao Mandatário de Ratão, mas também de *Carne-velha*, *Pau-de-virar-tripa* e, com o perdão da Condessa, de Cagada-de-gato (p.13-grifo nosso).

TRADUÇÃO:

(...) Arquelau buzzed in a choleric rattle, not content to call the Supreme Legislator Big Rat but adding *Dead Meat*, *Mr. Big Dick*, and, begging the Countess's pardon, *Cat Shit* (p.15, grifo nosso).

Para *Pau-de-virar-tripa*, uma boa alternativa de tradução seria *living skeleton*, já que *Big Dick*, significando *Pau [pênis] Grande*, não tem nada a ver com o contexto e configura um equívoco de natureza denotativa e pragmática, acarretando alteração de sentido denotativo, conotativo e, conseqüentemente, de tom no texto da tradução.

Carne-velha, no trecho acima, é uma expressão associada com carne velha mesmo, carne seca, charque, por extensão, *que pode ser enrugada, gente velha, feia*. Existe, inclusive, o ditado: *Quem gosta de charque é feijão*, referindo-se à recusa de alguém em relação a um pretendente considerado velho. Nesse sentido, a melhor alternativa de tradução para *Carne-velha* seria *dried meat*.

A tradução idiomática deixa entrever sua dificuldade em mais um momento, conforme se observa na seguinte transcrição:

Mas logo tudo se abastardava com a chegada de Astor, cujo hálito entontecia cães. Alatrava-se numa cadeira, fazendo gemer o encosto. Também usava óculos escuros e com

sua mão espessa empunhando um lenço de cambraia limpava o suor da testa e do pescoço. Não tinha opinião, tudo era uma cambada, incluindo nessa compreensão todo o espectro político do Estado (p.14).

TRADUÇÃO:

But then everything degenerated with the arrival of Astor, whose breath was enough to put the dogs in a daze. He poured himself into a chair, making the back moan. He too wore dark glasses, and, his thick hand clutching a chambray handkerchief, he wiped the sweat off his head and neck. He had no opinion, they were all a pack of thieves – a comprehensive designation that included the entire political spectrum of the State. That lack of sensitivity irritated the brothers and amused Beatriz (p.15).

Segundo Houaiss (2001:583), *cambada* significa:

1. quantidade de objetos pendurados, enfiados ou amarrados em algum suporte (fio, gancho, argola, pedaço de pau etc.)
- 1.1 molho de chaves; cambulha;
2. grande porção ou quantidade de coisas; cambulha, cambulhada
3. (1813) grupo ou indivíduos maus, ordinários ou criminosos; corja, súcia
4. B grupo de pessoas com alguma característica comum (p.ex., da mesma classe social ou família, ou que têm a mesma função etc.) < o chefe e sua cambada >.

Considerando o sentido do emprego de *cambada* no trecho citado, percebe-se que *a pack of thieves* [um bando de ladrões] reduz o significado mais amplo de *cambada*, contemplado nos itens 3 e 4 do verbete acima. Portanto, uma alternativa mais adequada seria, por exemplo, *they were all a gang*.

Focalizaremos a seguir fragmentos de um excerto (p.187-193) do trabalho (inédito) de outro tradutor do mesmo romance, Bob Thomas. Trata-se de um cidadão britânico que reside há vários anos no Rio Grande do Sul e que, além de tradutor, também trabalha com revisão de textos.

Os fragmentos provêm de um diálogo entre os personagens Senador e Olímpio. Desta vez temos um trecho muito marcado culturalmente. Vejamos algumas estratégias discursivas do tradutor para lidar com esse aspecto. Vejamos como, ao fazê-lo, o tradutor torna-se visível, conforme quer Venuti, ou *pasteuriza* o texto:

- Pelo visto o Senador já ouviu falar de mim...
- Já. És republicano. Desculpe-me tratá-lo por tu, mas a idade me permite, não?

TRADUÇÃO:

- It seems as if the Senator has already heard of me...
- Yes. You are a Republican. Excuse-me if I treat you informally, but my age permits me,

doesn't i
Obviamente
sabe que não exi
senhor(a) em term
pronomes you des
Sabe-se que existe
formal, mas isso
Inormally não capt
você também seria i
de erro, pelas cons
Mais adia
O Senado
Olímpio.
TRADUÇÃ
The Sena
Olímpio.
Aqui não há r
já que mate é uma p
Muitos conhecem
influência dos mexi
chá de mate. Cont
tradução não saberá
chimarrão.

Todo o gau
gentleman de bomi
ilustrativa da afirmaç
de tradução não é m
de interrogação e t
Senão, vejamos: lha
se interrogar sobre
contexto do diálogo
de lhanos [franco
integralmente com o s
um gentleman não é
Assim o tradutor prei
polite, gentlemen in
honorable [honrado]
acordo com a image
homem de palavra, l
[bombachas e esporas
pé, pois a(s) gravura(
dicionário de inglês
totalmente diferente c
Curiosa foi a es
para traduzir a frase:

- E a senhora

TRADUÇÃ

- And the seño

Señora é ur
[equivalente a senhor
Evidentemente, só
dificuldade tradutória,

doesn't it?

Obviamente, quem conhece a língua inglesa sabe que não existe a distinção entre tu/você-senhor(a) em termos de diferentes significantes: o pronome *you* designa a todos indiferentemente. Sabe-se que existe *Sir* ou *Madam* para o registro formal, mas isso está fora de questão no caso. *Inormally* não capta o traço regionalista do *tu*, pois *você* também seria informal. Entretanto, não se trata de *erro*, pelas considerações apontada.

Mais adiante, surge a frase:

O Senador enche a cuia do mate, passa-a a Olímpio.

TRADUÇÃO:

The Senator filled the mate, passing it to Olímpio.

Aqui não há muita dificuldade terminológica, já que *mate* é uma palavra dicionarizada em inglês. Muitos conhecem o *mate*, principalmente por influência dos mexicanos que utilizam bastante o chá de *mate*. Contudo, certamente o leitor da tradução não saberá que se trata do ritual do nosso chimarrão.

Todo o gaúcho é lhano de trato, um gentleman de bombachas e esporas é bastante ilustrativa da afirmação de Venuti, de que o processo de tradução não é mimético: é, antes, um processo de interrogação e transformação do texto-fonte. Senão, vejamos: *lhanos de trato* levou o tradutor a se interrogar sobre o sentido de *gentleman* no contexto do diálogo e fora dele, pois o significado de *lhanos* [francos, sinceros] não combina integralmente com o sentido de *gentleman* em inglês: um *gentleman* não é *frank, sincere*. Ele é *polite*. Assim o tradutor preferiu a forma: *All gauchos are polite, gentlemen in breeches and spurs*. Talvez *honorable* [honrado] fosse preferível a *polite*, de acordo com a imagem corrente do *gaúcho como homem de palavra, honrado*. *Breeches and spurs* [bombachas e esporas] mereceria uma nota de rodapé, pois a(s) gravura(s) ilustrativas de *breeches* no dicionário de inglês apresenta uma vestimenta totalmente diferente do traje gaúcho.

Curiosa foi a estratégia que o tradutor utilizou para traduzir a frase:

– E a senhora tua mãe, como vai?

TRADUÇÃO:

– And the señora, your mother?

Señora é uma expressão espanhola [equivalente a senhora] dicionarizada em inglês. Evidentemente, só em parte fica resolvida a dificuldade tradutória, pois a confusão que o leitor

estrangeiro [principalmente o norte-americano] estabelece entre o espanhol e o português, em termos de língua/cultura, acentua-se com essa escolha do tradutor.

Nos trechos examinados, o que se observa é que, embora os tradutores tenham buscado a visibilidade defendida por Venuti, suas estratégias discursivas não deram conta do traço cultural sobejamente marcado neste romance [como de resto em todos os romances] de Assis Brasil. Em situações de tradução equivocada, como a da expressão *pau-de-virar-tripa*, acima comentada, dependendo do peso relativo de cada uma das escolhas do tradutor para a reescritura do romance, pode-se chegar a um resultado de total domesticação cultural. Quando houver grave alteração de significado denotativo e pragmático, ou grande número de mudanças inadequadas, poderá ocorrer profunda deturpação dos elementos da narrativa e da própria significação do romance para os leitores da tradução.

Portanto, na tradução de obras em que os aspectos culturais são maciços e de desafiante singularidade, acreditamos que se faz necessária a interferência do tradutor, quer em notas explicativas no rodapé, no final do capítulo, ou do livro, ou ainda, o que talvez fosse mais econômico e eficaz, num prefácio que contemplasse o leitor com uma contextualização adequada da obra e do cenário onde ela se desenrola.

Sem esse tipo de interferência, torna-se praticamente impossível atingir a meta proposta por Venuti, pois mesmo havendo reescritura ou transposição criativa do texto-fonte, tal transformação, na maior parte das vezes, ancora-se nos equivalentes da língua/cultura alvo que não cobrem totalmente (normalmente nem existem tais equivalentes) a significação do texto-fonte. Sem a referida intervenção do tradutor, o leitor da tradução permanecerá alheio às diferenças essenciais entre as culturas.

Portanto, abrir mão da interferência do tradutor, nesses casos, é destituir a tradução de seu elemento mais interessante do ponto de vista comparatista, qual seja o de ser o elemento revelador da diferença. Em outras palavras, é reduzir amplamente o papel de *mediação cultural* que a tradução exerce, o qual revela, para outros sistemas literários e culturas, os valores, a singularidade e a identidade do texto/cultura-fonte. Por decorrência, nos casos em questão, o tradutor que se anula,

trabalha a favor da exclusão das culturas e literaturas periféricas.

BIBLIOGRAFIA

- ARJONILLA, Emilio Ortega. *Filosofia, Traducción y Cultura*. In: ÁLVAREZ, Roman (ed.). *Cartografías de la Traducción – Del Post-Estructuralismo al Multiculturalismo*. Salamanca: Almar, 2002.
- ASSIS BRASIL, Luiz Antonio de. *Um Castelo no Pampa: Perversas Famílias*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992.
- BARBOSA, Heloísa Gonçalves. Boom or Transformation by Translation? In: *Transit Circle/ Associação Brasileira de Estudos Americanos*. Vol. 1, no.1 (jan./ago 1998), Porto Alegre: ABEA, 1998 (p.173-190).
- BELLEI, Sérgio. “Não bula comigo, Nhô-Nhô!”: Tradução, Trauma e (Pseudo)Terapia. *Transit Circle/Associação Brasileira de Estudos Americanos*. Vol.I, no.2(dez.1999) Porto Alegre: ABEA, 1999.
- CARVALHAL, Tania F. Literatura Comparada e Literaturas Estrangeiras no Brasil. In: *Revista Brasileira de Literatura Comparada*. Rio de Janeiro: ABRALIC, 1996, v.3, p.55-65.
- COUTINHO, Eduardo. 5º Congresso ABRALIC. In: *Cânones e Contextos; Anais*. Rio de Janeiro: ABRALIC, 1997.
- GENTZLER, Edwin. Translation and Canon in Menudo Chowder. In: *Transit Circle/Associação Brasileira de Estudos Americanos*. Vol.1, no. 2, (dez. 1999), Porto Alegre: ABEA, 1999.
- HOUAISS, Antônio e VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- MARTINS, Wilson. A Castle on the Pampa. *Review: Latin American Literature and Arts*, s.l.: Americas Society, p.13-6, fall 1996.
- PAZ, Octavio. *Traducción: Literatura y Literalidad*. Barcelona: Tusquets Editores, 1971 e 1981.
- SCHMIDT, Rita Terezinha (org.). *Nações/ Narrações: nossas histórias e estórias*. Porto Alegre: ABEA, 1997.
- VENUTI, Lawrence. *Rethinking Translation*. London/USA/Canada: Routledge, 1992.
- _____. Translation as a Social Practice: or The Violence of Translation. In: ROSE, M.G.(ed). *Translation Horizons*. Binghampton: State University of New York, 1996.

RESUMO: *If until the Hispanic American neighboring countries Argentine writers keeping an intention tries to recover s*

PALAVRAS-CHAVES

A história da América hispânica marcada pelo descarte intelectual em relação. No começo deste século sobre a obra *La jovera* (1986), ao diagnóstico não via nisso motivo enxergá-la como resumo que enumera:

Além das coisas imensas, extrema de preconceitos que no para este mútuo sentimento e vergonha que de pouco, no de nos valeria conhecer p.75).

Um pouco artigo sobre a antologia de Ugarte, na Buenos Aires Mérou constatava, com literatura brasileira e

Não me e surpreendida da produção mais de um nos passar de vínculos de povos. (ME

A tese da ignorância deu lugar, na perspectiva de Antonio Candido

Sílvia Maria Azevedo é